



ARTIGO

ANTES DA CHEGADA
DOS PORTUGUESES, COMO
VIVIAM OS INDÍGENAS?

Nem sempre é fácil lembrar que o território brasileiro foi dominado por indígenas. Não temos a facilidade de ver grandes monumentos, como no México ou Egito, nem construções espanholas erguidas sobre fundações incas, como no Peru. Talvez por isso existam no nosso imaginário noções tão equivocadas sobre os nativos do Brasil.

Possivelmente, a mais grave seja achar que todos os povos tinham costumes parecidos. Seria como dizer que italianos e noruegueses, por serem europeus, têm a mesma cultura. Há similaridades entre estes, sendo, por exemplo, ambos povos de tradição cristã, mas diferem em língua, culinária, temperamento e muito mais. Com os indígenas brasileiros, é mais ou menos isso.

Estamos falando de centenas de línguas, milhares de deuses e rituais, alguns específicos de uma região. Ainda assim, o topo do panteão, no geral, era de Monan, o deus criador, que deixou o mundo sob a guarda de Tupã, um deus do trovão. De toda forma, os nativos não cultuavam seus deuses, mas os ancestrais.

Dos deuses e dos heróis do passado, ouviam histórias em volta da fogueira, um emaranhado riquíssimo de narrativas com ares mitológicos. Imagine algo como a mitologia grega, também desenvolvida antes da escrita. Uma pena que, no caso da cultura dos nativos brasileiros, não foi registrada, como Homero fez na Grécia, então sobraram retalhos para imaginarmos com pesar o que se perdeu.

Andando pelas trilhas, logo se perceberia mudarem também as receitas culinárias, com ingredientes cuja variedade de norte a sul até hoje nos surpreende. Além dos caules, folhas, raízes e frutas, uma infinidade de carnes de caça e de pesca, entre macacos, aves, peixes, tartarugas, jacarés, capivaras, formiga tanajura e por aí vai.

Outro equívoco comum sobre os nativos é a ideia de uma ocupação esparsa. Ora, só na cidade do Rio de Janeiro, região de mata exuberante, os relatos falam em centenas de aldeias, cada uma com 400 a 4 mil pessoas. Desdobrando para o continente, seriam facilmente dez milhões de indígenas. Para se ter uma ideia, a capital do império Asteca, Tenochtitlán, pode ter chegado a 300 mil habitantes, uma das maiores cidades do mundo na época, superior a Lisboa, Paris e Madrid juntas.

No Brasil, não havia cidades tão grandes. Mas a ocupação era densa. Do alto de um morro em praticamente qualquer ponto perto do litoral, que tendia a ter maior densidade populacional, seria possível avistar várias aldeias no entorno, as suas malocas se sobressaindo no arvoredo, clareiras das praças centrais e das plantações, com ondulações pela mata mostrando o caminho dos rios e das trilhas. Algumas aldeias seriam aliadas entre si, habitadas por parentes mútuos. Mais comum era que fossem inimigas. Pois, enquanto as mulheres cuidavam das plantações e dos bebês, era da guerra que os homens se ocupavam. Como é o padrão histórico humano, o poder tendia ao patriarcado.

Aquele era um mundo complexo, divertido, dançado, de uma abundância que favorecia o ócio, mas com risco constante de ser capturado numa emboscada e acabar comido num ritual inimigo. As pessoas acreditavam que, comendo um guerreiro corajoso, pegariam um pouco daquela coragem. Por outro lado, nesse sentido, ser comido significava a própria coragem reconhecida pelo inimigo, portanto, uma honra. Entre os tupinambás, havia o ditado: “a tumba mais honrada é o estômago dos inimigos”.

Este fato, de comerem pessoas, até hoje é usado para detratá-los. Mas é bom ter em mente que, atualmente, os indígenas já não comem inimigos, assim como os portugueses abandonaram o costume de queimar bruxas, como era comum na mesma época. Muito do que somos hoje, a culinária, a higiene, uma profusão de chás medicinais, a relação com o quintal, muitas palavras na língua, a nossa característica étnica, tudo isso é herança de um riquíssimo caldeirão americano.

Neste Dia Nacional dos Povos Indígenas (19/04), deixo aqui a minha homenagem. Com coração radiante, dou um viva aos povos originários.

Viktor Waewell é escritor, autor do livro “Guerra dos Mil Povos”, uma história de amor e guerra durante a maior revolta indígena do Brasil.

JORNAL DIÁRIO DA SERRA

Propriedade da
AJOTA

ASSOCIAÇÃO JORNALÍSTICA DE TANGARÁ DA SERRA
CNPJ: 29.464.235/0001-16

Av. Tancredo Neves - 1247 W - Parque Mansões
78302-028 Tangará da Serra-MT

ISSN 22386467

REDAÇÃO

DIREÇÃO DE JORNALISMO
Fabíola Tormes

CONTATO
ds@diariodaserra.com.br

Envie Pautas, Fotos Sugestões e Vídeos para o whatsapp do
DIÁRIO DA SERRA

(65) 3326-4724

www.diariodaserra.com.br
www.ds.jor.br

TIRAGEM

1 MIL EXEMPLARES

CIRCULAÇÃO

Tangará da Serra, Nova Olímpia, Barra do Bugres, Porto Estrela, Campo Novo do Parecis, Sapezal, Denise, Arenópolis, Nortelândia e Santo Afonso.

CENTRAL DO ASSINANTE

(65)3326.6501

DEPARTAMENTO COMERCIAL

PUBLICIDADE ASSINATURA
PUBLICIDADE LEGAL

Associação Jornalística de Tangará da Serra - AJOTA

SERVIÇOS GRÁFICOS
E. Tormes e Cia. LTDA
CNPJ: 14.048.123/0001-07

CONTATO: adm@diariodaserra.com.br
Fone: (65) 3326-4724

Diário da Serra®

O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA

FUNDADO EM 11 DE NOVEMBRO DE 1996

EDIÇÃO ON-LINE DESDE 06 DE SETEMBRO DE 1997

Endereço: Av. Tancredo Neves - 1247 W
Parque Mansões - CEP: 78300-000
Tangará da Serra - MT - Brasil

 www.facebook.com/jornalds



@diariodaserra

LICENÇA SANITÁRIA

Hospital Municipal de Tangará conquista alvará sanitário



Documento foi entregue nesta segunda-feira

Documento importante para ampliar e melhorar os serviços

ALEXANDRE ROLIM / Assessoria

O Hospital Municipal Arlete Daisy Cichetti de Brito, responsável por boa parte dos atendimentos na saúde pública do município, foi contemplado com uma relevante conquista: o alvará sanitário, documento importante para ampliar e melhorar ainda mais os serviços prestados à população de Tangará da Serra.

O Prefeito Vander Masson e o Secretário de Saúde, Wellington Bezerra, receberam o documento das mãos da Coordenadora de Vigilância Sanitária,

Renata Dias de Almeida, na manhã desta segunda-feira, dia 15 de abril. Com isso, o Município poderá buscar convênio com o Governo do Estado e Governo Federal para custeio, por exemplo, dos 10 leitos de UTI que hoje são custeados exclusivamente pela Prefeitura.

Vander Masson comemora a conquista e destaca a importância do alvará. “Através dele o Município pode fazer convênios importantes, dentre eles, o mais importante é o convênio dos leitos de UTI. Agora, nós podemos credenciar as UTI’s junto aos governos Estadual e Federal e receber recursos. Desde o dia em que nós abrimos esses dez leitos de UTI, desde março de 2023 até agora, está sendo custeado tudo

com recurso do município”, destacou o Prefeito, informando que a Secretaria de Saúde já buscará o credenciamento junto aos dois entes federativos: Estado e União.

Além disso, o alvará possibilitará, por exemplo, que o Município adquira medicamentos e insumos, bem como realize procedimentos como vasectomia, que só podem ser adquiridos ou realizados por unidades de saúde que possuam licença sanitária.

“O Município não possuía esse alvará, talvez porque em anos anteriores à nossa gestão, não teve condições de fazer as adequações que precisavam ser feitas. (...) O importante é que nós fizemos e agora vamos manter esse alvará”, comentou o prefeito.

REESTRUTURAÇÃO

Saúde da Família terá ferramenta para avaliação de atendimentos

PAULA LABOISSIÈRE / Agência Brasil

O Ministério da Saúde detalhou como vai funcionar o processo de reestruturação da Estratégia de Saúde da Família. As mudanças incluem uma ferramenta de avaliação do atendimento, em interface com o SUS Digital, e um modelo que prioriza o retorno das visitas domiciliares.

A proposta do governo é retomar o formato de atendimento em que o profissio-

nal de saúde bate à porta para perguntar se todos os moradores da casa estão com o cartão de vacinação em dia, verifica a pressão de pacientes hipertensos e checa como está a retirada de medicamentos na farmácia da unidade básica de saúde.

A reestruturação prevê ainda uma nova forma de financiamento. No formato anterior, as equipes de saúde da família eram pagas por número de pessoas credenciadas na atenção

primária, o que, segundo a pasta, não significa que essas pessoas eram de fato acompanhadas pelas profissionais.

Com o novo modelo, as equipes de saúde da família podem receber de R\$ 24 mil a R\$ 30 mil ao longo de 2024 e até R\$ 34 mil em 2025, valores acima da média atual de R\$ 21 mil. O montante varia de acordo com o número de pessoas acompanhadas por cada equipe, limitado a até 3 mil pessoas.